



Esta revista é mantida pelo trabalho de voluntários

---

REVISTA MAÇÃ DO AMOR



*Uma revista cheia de açúcar*

---

AMORES URBANOS

MARÇO DE 2024

SÃO PAULO-SP

---

A Revista Maçã do Amor é uma publicação digital cujo objetivo é divulgar e unir artistas de escrita e artes visuais, valorizando e expondo a arte nacional. A Maçã do Amor acredita em duas coisas: que todo mundo merece uma história de amor e que cada um tem uma visão única do que é amor, por isso a proposta é colocar em destaque o amor romântico.

Nossa missão é incentivar escritores e artistas visuais a descobrirem seu potencial criativo, entrando em contato com seus sentimentos e promovendo troca de experiência e valorização de artistas nacionais.

# Carta da Editora

---

É impossível imaginar uma metrópole sem o som das buzinas, as luzes das sacadas e as opções gastronômicas. Basta caminhar por aqui e por aí para se ter uma ideia do significado de “cidade que nunca dorme”. Há tanto para se ver e descobrir. Há tanto para se viver!

Uma metrópole é uma cidade de oportunidades. Uma cidade cheia de possibilidades de encontros e desencontros. Mas como todas essas oportunidades influenciam nossas escolhas para o amor? Existe amor em uma metrópole?

Amores Urbanos apresenta relacionamentos moldados pela rotina de uma grande cidade. Nas próximas páginas, você verá a dificuldade de (re)encontrar o amor na multidão. Entre paixões nascendo no transporte público e amores recuperados em Achados e Perdidos, você descobrirá a resposta para a nossa pergunta: existe sim amor na cidade grande.

**Luísa Scheid**

<b>O Reencantamento do Mundo</b>	<b>7</b>
Luiza Nascimento	
<b>Ponte Aérea</b>	<b>21</b>
Maria Inês Moll	
<b>Achados e Perdidos</b>	<b>24</b>
Tatiane Lucheis	
<b>O Menino do Skate</b>	<b>32</b>
Luísa Scheid	
<b>Qualquer Lugar Onde Nossos Pés Podem Tocar</b>	<b>37</b>
Mayane Humeniuk	
<b>Procura-se Amor no Ônibus</b>	<b>51</b>
Ana Ferrari	
<b>O Ilusionista</b>	<b>55</b>
Luísa Scheid	
<b>Do Outro Lado, o Amor</b>	<b>61</b>
Maria Guimarães	



# O Reencantamento do Mundo

**AUTORIA** LUIZA NASCIMENTO

**EDIÇÃO** EQUIPE EDITORIAL

**REVISÃO** THAIS ROCHA



Luiza Nascimento é mineira, formada em história e tem um desejo sem fim de ler e escrever ficção. Adora animes e um carinho de pet, e constantemente cozinha de forma experimental. Tem contos publicados pela Jamburana Literária e pela antologia Contos Brasil.

Eu estava voltando para o meu quinto semestre na faculdade. Quer dizer, na faculdade *mesmo*, era o segundo. Os três primeiros cursei naquele detestável — mas pelo qual ainda tivemos que agradecer — ensino remoto. Então, no quarto período, quando já seria uma veterana experiente, saberia as manhas dos lugares, conheceria todos os atalhos e estaria, enfim, calejada do que comer ou não comer no restaurante universitário, eu era, na verdade, uma caloura. Eu e os estudantes de mais umas quatro turmas. Ou de todas, na verdade, porque até os formandos pareciam encantados por estar ali novamente.

“Encantada” era a palavra certa. Tudo me deslumbrava, em especial a materialidade das coisas, o fato de estar não apenas em outro lugar que não a minha casa — e esse lugar era a *faculdade!* —, mas de estar transitando entre vários espaços, no plural, como se isso fosse uma coisa normal. Os prédios, as salas de aula, os auditórios, os jardins e os corredores. Acho que até estar realmente lá, sentindo o ar do ambiente, eu não tinha vivido por completo o feliz baque de ter entrado na universidade. Eu era aquela pessoa que sempre trombava em outras nos corredores, porque nunca andava olhando para a frente, e em determinados espaços dos jardins eu fechava os olhos para sentir a brisa e o perfume das flores. E *sempre* tropeçava nos mesmos lugares da calçada torta. Ganhei até um apelido por isso: “Thais Tropeça”, muito *criativo mesmo*, mas que acabou pegando.

Criei um vínculo especial com o trajeto que fazia de casa até a sala de aula. De diferentes formas, aproveitava todos os seus pontos: a esquina da sorveteria perto de casa, a espera no ponto de ônibus, os caminhos pelos quais o ônibus passava até que eu chegasse, enfim, nos jardins da cidade universitária.

Naturalmente, preferia alguns pontos do percurso a outros. A parede grafitada com baleias, toda colorida, sempre me alegrava, ainda que só por alguns ins-

tantes. A casinha abandonada parecia louca para contar sua história, desde quando fora construída até como parte do seu telhado havia caído. A curva do ipê amarelo, que parecia um lugar comum, até agosto chegar. Mas gostava, principalmente, da lanchonete do deck de madeira.

Era um lugar simples, pequeno até — provavelmente por isso construíram o deck, onde ficavam três mesinhas de duas cadeiras. Eu nunca tinha me sentado em um lugar daqueles, tão simples e fofo, e sempre que eu ficava do lado propício do ônibus, passava minutos depois de ver a lanchonete fantasiando sobre um dia fresco, no qual eu desceria do ônibus e ficaria ali, lendo um texto para a faculdade enquanto tomava um café, o movimento da rua sendo apenas um ruído distante.

Talvez o que tenha feito com que eu prestasse tanta atenção no lugar fosse o fato de ter um ponto de ônibus bem ali. Era um daqueles com um sinal de trânsito bem perto, e às vezes, quando estávamos parados esperando pelo aval da luzinha verde, eu olhava fixamente para aquele deck, invejando cada pessoa que ocasionalmente estivesse sentada lá. Mesmo quando alguns dos outros lugares se tornaram comuns, aquela lanchonete manteve sua magia: cheia de mistério, de fantasias e de expectativa.

Talvez você já tenha ouvido a expressão “desencantamento do mundo”, criada por Max Weber. Ela é utilizada — que meus professores não me ouçam falar desse jeito! — para explicar uma forma de ver o mundo com mais razão e menos magia, menos sacralidade.

Não foram poucas as vezes que, enquanto eu estudava sobre o assunto no semestre passado, apliquei o conceito à minha relação com a lanchonete. Quer dizer, não a parte do *des*, só a do encantamento mesmo. Aquele lugar tinha tanta magia, parecia tão intocável e saído da ficção! Algo me atraía para lá e, ao mesmo tempo, me fazia sentir que eu não deveria me intrometer naquele ambiente. Como se eu fosse chegar lá e descobrir que não vendiam pastel, só ambrosia para os deuses.

Fiquei pensando nisso tudo depois que passei pelo “Café das Delícias” — o

nome oficial, exibido na plaquinha — no meu primeiro dia de aula do quinto período, me perguntando se ir até lá numa manhã seria uma forma de desencantá-lo. De racionalizar a lanchonete e perceber que aquele era, na verdade, um lugar como qualquer outro. Com sorte, um lugar gostoso de estar, mas ainda assim, normal.

Quanto mais refletia, mais achava que sim, visitar a lanchonete seria a forma mais eficiente de estragar toda aquela magia. E eu disse “estragar” porque não sabia se queria perder aquele sentimento. Não, eu *sabia*. Certamente eu *não* queria abrir mão dele. Gostava de toda a fantasia, da distração que ela me proporcionava, de ter aquela desculpa para poder sonhar.

Só que, paradoxalmente, pensar todas essas coisas me fez ter uma vontade *imensa* de experimentar. De ir e tomar café, parar de imaginar e efetivamente *viver*, porque descobri que a ânsia de viver o momento era ainda maior que a de sonhar com ele. Queria ter aquela experiência para ver se seria realmente tão bom quanto eu achava, mesmo racionalmente sabendo que a resposta seria desapontadora.

Mas e se...?

— Thais? Você vai sair a essa hora? — minha mãe perguntou na manhã seguinte.

— Eu... é — respondi com eloquência.

Minha mãe não disse nada, mas continuou olhando para mim, o que me fez pensar que eu deveria elaborar melhor minha resposta.

— Vou passar um tempo na biblioteca.

— Mas já? O semestre mal começou.

— Vou encontrar uns colegas para procurarmos um livro que um professor indicou.

Ela não fez mais perguntas, mas o sorrisinho que ela deu me fez ter certeza do que estava pensando. Desde os meus dezesseis anos, minha mãe espera que eu chegue em casa com um namorado. Eu não sei se isso é porque ela *quer* que eu arrume alguém, ou se é porque ela tem receio de que eu o faça e tenta se preparar

emocionalmente para o acontecimento. Uma vez eu a confrontei e disse que não tinha nenhum interesse em arrumar um namorado. Mas ela não entendeu, ou não quis entender, e eu não tive coragem de ser mais explícita do que isso, pelo menos ainda não. E minha mãe continuou, falando que um dia eu acharia alguém e a vontade apareceria de uma hora para a outra.

Eu detestava quando ela tirava conclusões erradas sobre as coisas.

Até porque eu não ia encontrar ninguém na biblioteca. Nem planejava ir à biblioteca, afinal. Por que inventei essa história, então? Porque me sentia idiota com a verdadeira questão. Imagina só a cena:

“— Thais? Você vai sair a essa hora?

— Sim! Vou tomar um café no deck de madeira da lanchonete dos meus sonhos para descobrir como é estar naquele lugar de verdade, e não só nas minhas fantasias.”

Isso, sim, parecia uma história de mentira.

Além disso, acabei saindo mais cedo de casa não porque estava decidida a ir, mas porque, caso me resolvesse, ainda chegaria na faculdade no horário para almoçar com meus amigos. Aquela foi uma das viagens de ônibus mais inquietas que já fiz, competindo pau a pau com dias de prova. Quanto mais perto eu ficava, mais frio suave, e mais rápido meu coração batia.

Na virada da última esquina, finalmente resolvi que não faria aquilo. Não poderia! Acabar com toda a alegria que a imaginação me proporcionava? Que ideia estúpida! Afastei a mão do botão de dar sinal, colocando o braço sobre a mochila. Soltei pesadamente o ar e tentei me desligar daquele momento e relaxar.

Só que o sinal de parada soou mesmo assim. Olhei para o lado, atônita, e vi um adolescente e uma mulher a postos, prontos para descer do ônibus, e todo o meu nervosismo voltou. Eu deveria ir? Deveria arriscar?

Não sei muito bem como aconteceu, mas instantes depois me vi de pé na calçada, olhando o ônibus se distanciar de mim. O que foi aquele impulso nervoso? A mulher que desceu junto comigo me olhou de cara feia. Talvez eu tenha esbarra-

do nela na pressa de sair do ônibus.

Bem, agora que estava lá, não me parecia um pesadelo tão grande ir até a lanchonete. Na verdade, um sentimento agradável subiu do estômago e aqueceu meu peito. Caminhei confiante até o Café das Delícias, pronta para pedir um café e sentar triunfante no deck vazio.

O interior do café era realmente pequeno, mas da forma como era organizado não parecia apertado. A parede da direita era toda ocupada por um balcão de vidro que expunha salgados, bebidas geladas e alguns doces que pareciam bonitos demais para o meu bolso de universitária. Nos fundos estava o caixa, ao lado de uma porta fechada com aquela aura de “entrada permitida somente para funcionários”. Na parede da esquerda, duas mesas com bancos embutidos ficavam presas à parede, que tinha um espelho enorme para ajudar a iluminar o ambiente, já que as outras paredes eram marrons como grãos de café.

Mas não me demorei muito no interior — fiquei lá apenas pelo tempo necessário para pedir uma xícara de café. Logo me sentei em uma das três minúsculas mesinhas de madeira lá fora, no deck.

Não se passaram nem três minutos antes que eu sentisse o baque. Era tudo tão... real. A lanchonete, o café, o deck. Tudo era normal. Agradável, sim, mas comum *demais*. Não havia magia, nem mesmo um ponto de destaque, nada que justificasse toda a atração que eu tinha por aquele lugar. E, nas vezes em que me imaginei ali, não levei em conta como o deck era perto da rua e como o trânsito ali era intenso. Não era tão fácil assim *não* notar aqueles ruídos.

*E o que você esperava?*, me repreendi, desistindo de ler o texto e me levantando para pagar a conta.

Bem, com certeza eu *não* esperava nada como a figura com que me deparei no caixa. Sem dúvida ela não estava lá antes, ou eu teria notado. A primeira imagem que me veio dela foi a de um quadro, uma obra de arte que poderia se chamar *Garota lendo um livro*, um nome simples que contrastava com aquela criatura tão iluminada! Ela era negra, como eu, mas o tom da pele era retinto, mais escuro que

o da minha. As bochechas eram cheias, o nariz, bem desenhado e os olhos grandes e chamativos, com um fino traço de delineador amarelo. Os cabelos crespos tinham mechas loiras entre os fios escuros, o que só realçava o brilho que ela emanava. Podia ver que o cabelo era volumoso porque, mesmo preso em um coque, se mantinha fofo, como se lutasse contra o enclausuramento.

E ela estava lendo! Lia Tolkien, *As Duas Torres*, na mesma edição que eu tinha. A dela também estava meio surrada, então ou era emprestada ou era uma releitura. Fiquei bem empolgada com a segunda possibilidade, porque eu adorava reler livros, especialmente *O Senhor dos Anéis!*

Confesso que fiquei nervosa ao me aproximar do caixa. Queria comentar sobre o livro, sobre seu cabelo, mas não queria fazer um comentário qualquer. Queria que fosse nerd, inteligente e engraçado. Mas tudo o que eu disse a ela foi “Obrigada”, quando me entregou o troco e um sorriso que levou ainda mais brilho para seu rosto. Aquele sorriso foi uma mistura de sol e chuva fina, tão mágico que quase me demorei procurando um arco-íris no canto dos lábios dela.

Fazendo o restante do trajeto para a faculdade, resolvi que Weber podia catar coquinho. Ele não sabia de nada mesmo. Porque foi só depois de conhecer a lanchonete que pude descobrir verdadeiramente como aquele era um lugar encantador.

Ir ao Café das Delícias às quartas tornou-se parte da minha rotina semanal.

Eu ia sempre às quartas porque... bem, para não acabar com a magia. Eu comprava um café, às vezes um pão de queijo ou um bombom, fazia um pouco de hora lendo algum texto da faculdade, e ia embora. Com o tempo, foi ficando surpreendentemente mais fácil ignorar o barulho do trânsito, quase como em meus devaneios. Talvez porque agora eu tivesse outras coisas com as quais sonhar.

A garota do caixa estava sempre lendo ficção, e eu comecei a acompanhar seu percurso de leitura. Depois de *As Duas Torres*, ela leu *O Retorno do Rei* — esperado —, e então *Capitães da Areia* — não esperado — e *Quarto de Despejo*. De volta à fantasia, ela leu *O Auto da Maga Josefa* — que estava na minha lista — e depois

um livro que eu não conhecia chamado *É Assim que se Perde a Guerra do Tempo*. Tudo isso em três meses!

Eu observei cuidadosamente seu progresso, mas nunca comentei nada sobre os livros, mesmo querendo puxar assunto. Percebi que o gosto dela era variado, mas que, de certa forma, se parecia com o meu. Pesquisava um pouco sobre todos os livros que ela tinha em mãos, especialmente os que eu não tinha lido ainda, e os adicionava na minha interminável lista. Meu Deus, como eu *não* conhecia Carolina Maria de Jesus?!

Por várias vezes, me preparei mentalmente para fazer algum comentário ou pedir uma sugestão, mas sempre desistia na hora, porque tudo me parecia estúpido ou forçado demais. Ela estava sempre com uniforme da lanchonete, usando os cabelos presos e uma maquiagem leve, e mesmo assim havia nela algo de tão deslumbrante que me fazia ter medo de falar uma enorme besteira.

A garota do caixa era sempre gentil e sorridente, o que não falhava em alegrar meu dia, e uma vez, quando ela foi me entregar o troco e nossas mãos se tocaram, fiquei tão nas nuvens que fiz juz ao meu apelido a ponto de ralar o joelho. Às vezes parecia que ela ia falar alguma coisa, mas então o momento passava e eu também não quebrava o silêncio. Ficamos semanas nessa leseira, até que ela apareceu lendo *Americanah* e o mesmo impulso que me tirou do ônibus na primeira quarta-feira assumiu o controle das minhas cordas vocais. Sem pensar, eu disse:

— Ai meu Deus, esse livro é muito bom! — O que não foi um comentário inteligente, tampouco original.

Mas a garota do caixa sorriu, calorosa e simpática. Seu sorriso de arco-íris reavivou minha impressão de que ela brilhava. Colocou uma mecha de cabelo inexistente atrás da orelha e, para a minha surpresa, continuou a conversa:

— Eu ainda estou começando esse, mas adoro a Chimamanda — ela respondeu com uma voz doce. — Você já leu *Hibisco Roxo*?

— O tanto que eu chorei com esse livro não tá escrito.

— Nossa, sim! — ela disse, com empolgação. — Das minhas leituras desse

ano, as que mais me fizeram chorar foram ele e *Pachinko*.

— Eu amo *Pachinko* — falei, cada vez mais solta. — Minhas amigas acham uma história muito lenta, mas eu defendo esse livro com unhas e dentes.

— Sou do seu time, então — disse a garota do caixa, e eu senti um arrepio só de pensar nela ao meu lado em qualquer coisa. — Não tenho problema algum com histórias lentas. Nem com um pouco de drama.

— Um pouco! — Eu ri do eufemismo, e ela riu também, uma risada que contrastava com a impressão de delicadeza que ela passava, já que foi menos como uma risada de princesa e mais como um ronco de porco. Eu achei aquilo fofo, mas por um instante fiquei com medo de ela ficar sem graça, e segurei o riso. Só que, no momento seguinte ela gargalhou, e roncou outra vez, e eu soltei minha própria risada, e nós duas ficamos à beira de uma crise de riso.

E assim continuamos conversando, como se fosse uma coisa tão simples iniciar e manter um assunto! Mas a nossa conversa rendia, fluía sem que ninguém forçasse a barra. Perguntei quais outros autores africanos ela lia, porque já há algum tempo tenho buscado leituras que fujam do eixo Estados Unidos e Inglaterra. Ela conhecia a Paulina Chiziane, mas nunca tinha lido nada do Mia Couto.

— A julgar pelo seu gosto, acho que você vai gostar dele — indiquei, confiante.

— O meu gosto? — ela riu, intrigada.

É claro, era a primeira vez que conversávamos sobre algum dos livros que ela lia. Como eu poderia ter alguma noção do seu gosto... a não ser que bizarramente vigiasse cada capa que ela colocava de lado ao me atender?

E assim toda a minha confiança foi embora e a Thais desajeitada voltou à cena. Tentei mudar de assunto, mas foi só uma mancada atrás da outra.

— Você sabe se *É Assim que se Perde a Guerra do Tempo* é bom? Está na minha lista.

E aí ela me olhou com uma expressão estranha. Porque é claro que ela sabia, e depois de ter soltado essa percebi como era óbvio que *eu* sabia que ela sabia. Então

sim, em vez de disfarçar eu só me entreguei mais. Genial, Thais.

— Ah, nossa! — falei num tom que foi falso até para mim. — Já está tarde. Preciso ir, ou vou chegar atrasada na aula. Até mais.

Estava tão sem graça que não apareci na quarta-feira seguinte. Também não fui na outra, pois o final do semestre estava aí e eu precisava de mais tempo para fazer trabalhos, estudar para provas e, enfim, realizar a tarefa impossível de colocar todos os textos em dia.

Mas aquela situação toda estava me angustiando. Quero dizer, dar aquela má nota e depois simplesmente desaparecer... O que a garota do caixa ia pensar de mim?

*Bem, para isso ela teria que pensar em você, para começo de conversa...*, disse a Thais Sarcástica para a Thais Ansiosa, que se tornou a Thais Triste e, algumas horas depois, a Thais Determinada.

E assim, resolvi dar um jeito de ir no Café das Delícias na quarta-feira seguinte — sim, tinha que ser na quarta! Pelo menos uma passadinha rápida. Qualquer coisa ia direto no caixa e comprava uma balinha.

*Dessa vez eu segui tudo o que havia planejado. Desci do ônibus sem problemas, fui direto no caixa e pedi uma bala de morango.*

Ela não estava lá.

Em seu lugar, havia uma mulher mais velha. Parecia uma boa pessoa, prática e educada. Me cobrou e entregou a bala com um sorriso até simpático.

Mas não era ela.

Eu não perguntei nada, primeiro porque não queria ser estranha e nem alvo de fofocas. Segundo porque não queria ter que admitir para mim mesma que, depois daquele semestre todo, eu ainda não sabia o nome dela — e não queria pensar no que isso queria dizer sobre mim!

Mas terceiro, e principalmente, porque eu ainda estava ignorando Weber. Preferia não me arriscar a perder a magia. Preferia manter a esperança.

A semana seguinte foi a última do semestre. Depois disso, como eu morava bem

longe da universidade, só passaria por ali de novo em março, com o retorno das aulas.

Eu tinha que ir para a faculdade só para entregar um trabalho, sendo portadora também das avaliações de todos os meus amigos. Estava nervosa, mas não tinha nada a ver com notas, claro. O fato era que, se ela não estivesse ali de novo, por mais fantasiosa que eu fosse, não iria ficar me enganando. Ela poderia ter ido embora, e seria muito improvável que a encontrasse novamente quando as aulas voltassem.

Entrei na lanchonete olhando para o chão. Fui direto ao balcão e pedi um café e um pão de queijo.

Mas não aguentei. Olhei ao redor, e ela estava lá, não com o costumeiro uniforme preto do café, mas com jeans e uma blusa colorida. O cabelo solto caía quase até a cintura, volumoso e com cachos pouco definidos. Ela não estava no caixa, mas sim em uma das mesas vazias. Nós trocamos um sorriso rápido antes de desviarmos nossos olhares. E meu coração ficou todo-todo depois disso.

— Jô, vou querer um café também — ela disse, e sorriu para mim outra vez, com aquele sorriso arco-íris. Assim que Jô nos entregou os pedidos, a garota do caixa se virou para mim novamente. — Vamos sentar lá fora?

Assenti, ainda em silêncio. *Ora, Thais*, disse aquela voz na minha cabeça que nunca cala a boca, *mas não era você que sempre acreditava na magia? Por que agora que ela aconteceu você está tão perplexa?* Mas uma coisa é crer, outra coisa é ver o sonho acontecendo, e superando qualquer expectativa.

— Que bom que você veio — ela disse. Eu juro, foi isso mesmo: “que *bom* que *você* veio”.

Estava tão atordoada que tomei um gole de café antes de misturar o açúcar. Pelo menos isso foi suficiente para que eu voltasse a ter controle da minha língua.

— Desculpe. Estava apertada com as coisas da faculdade nas últimas semanas.

— Eu entendo — ela disse. — Esse fim de semestre foi uma loucura para mim também. Quarta passada eu tive uma entrevista de estágio. — Essa última parte quase soou como se ela quisesse me dar uma explicação. — Na verdade, não

posso demorar muito. Tenho que ir para outra entrevista daqui a pouco.

Assenti.

— Por isso você não está de uniforme?

— Não é bem isso — ela riu, mas de forma contida e um tanto envergonhada. — Estou de férias do Café desde semana passada e, encontrando um estágio, não devo voltar a trabalhar aqui. E eu preciso muito mesmo do estágio, sabe?

Fiz que sim, mesmo não sabendo. Eu *deveria* saber, mas, por causa da pandemia, ainda não estava em um ponto do curso em que tinha que ficar pensando em estágio. Mas não disse nada, porque não queria parecer tão inexperiente na frente dela. Além do mais, toda essa história de a garota do caixa não ser mais a garota do caixa foi como um balde de água fria para mim.

— Eu só vim hoje porque existia a chance de você aparecer — ela confessou, e meu coração acelerou novamente, me dando a certeza de que eu não sobreviveria àquela montanha-russa emocional.

Mas, como se não sentisse nada de mais, tomei casualmente um gole de café.

— Você faz o quê? Letras?

Ela riu.

— Enfermagem. Eu... confesso que nas primeiras semanas estava lendo literatura porque ainda não tinha muitas coisas da faculdade para fazer. Mas depois... — ela estava bem sem graça. — Eu trazia livros para estudar todos os dias, menos na quarta. Eu reparava em você olhando para as capas e não queria...

— Estragar a magia?

Ela refletiu por um segundo.

— É, pode ser isso.

Ela tomou um gole calmo de café, se demorando no gesto como se aproveitasse cada segundo. Ela fechou os olhos, e eu segui seu exemplo. Saboreei o café naquela xícara — que não era gourmet nem nada do tipo, e tinha ficado até um pouco doce demais para o meu gosto, mas que eu tinha certeza que nunca mais teria um gosto tão bom. Porque nenhum outro café seria tão mágico.

Quando voltei a abrir os olhos, a mão dela estava em cima da mesa, num gesto que sequer ensaiava ser discreto. Coloquei a minha mão perto o suficiente para que nossos dedos se entrelaçassem em um toque suave e ao mesmo tempo bastante sugestivo. Minha mão ficou quente, e meu rosto também. Senti que começava a suar, mas não queria que aquilo acabasse. Sendo bem sincera, eu queria mais. Mais tempo segurando a mão dela, e mais do que *só* segurar a mão dela.

Foi quando o relógio em seu pulso apitou.

— Nossa! — Ela piscou várias vezes, como se despertasse de um devaneio. — Desculpe, eu preciso mesmo ir, ou vou chegar atrasada. Toma. — Ela abriu a bolsa e estendeu para mim o livro. — Leia você mesma, e me diga se é bom.

Ela disse tudo isso sorrindo, com uma voz suave e alegre. Meu Deus, ela só podia ser uma fada.

Peguei o livro num gesto meio automático.

— Mas... a gente nem se conhece — eu disse estupidamente, como se fosse absolutamente normal compartilhar um momento romântico com uma desconhecida, mas um absurdo emprestar um livro para ela.

— Sim, precisamos resolver esse problema — a garota do caixa disse, com um sorriso brincalhão que não explicava muita coisa. — Até mais...

— Thais — me apresentei, hesitante.

— Até mais, Thais — ela sorriu. Demorei alguns segundos para entender que ela estava mesmo indo embora.

— Mas e o seu nome?

— Até mais!

Sentei no ponto de ônibus ainda desnorreada. O que tinha sido aquilo?

A garota do caixa havia ficado feliz em me ver. Parecia esperar por futuros encontros e conversas. Parecia ter expectativas quanto a isso, expectativas semelhantes às minhas. Ela até me emprestou um livro, que era uma forma clara de dizer que iríamos nos ver depois. Era também um voto de confiança. E ela segurou mi-

nha mão. Isso era bom. Isso era fantástico! Em nenhum dos meus devaneios sobre o Café das Delícias eu tive esse tipo de sonho.

Mas aquilo também me pareceu uma despedida. Ela havia deixado bem claro que estava procurando loucamente por um estágio, e que por isso teria que deixar o emprego na lanchonete. E não tinha me dado nenhuma alternativa para encontrá-la. Céus, eu sequer sabia o nome dela! Como pude ser tão lerda? Será que eu tinha entendido tudo errado?

Já no ônibus, me volvei para o livro. Era uma edição de capa dura, com desenhos de penas em azul e vermelho nas segunda e terceira capas. Toquei as folhas, um tanto apreensiva. Aquele livro era uma promessa, um assunto e uma gentileza. A resposta *tinha* que estar ali.

E realmente estava.

A folha de rosto tinha o nome dela, escrito numa caligrafia muito caprichada: Helena Vieira da Conceição. E logo abaixo...

Suprimi uma gargalhada. Era clássico, e talvez um pouco brega, mas absolutamente perfeito.

*Oi Helena, é a Thais.*

*Oi Thais*, ela respondeu quase na mesma hora. Tentei não pensar nela olhando ansiosamente para o celular desde que se despediu de mim. *Já salvei seu número aqui.*

*Ai meu Deus*, pensei, empolgadíssima com as próximas férias. *Isso vai dar muito certo.*

# Ponte Aérea

**AUTORIA** MARIA INÊS MOLL

**REVISÃO** CAMILA PAIXÃO



Maria Inês é mestra em filosofia pela PUC-Rio. Publicou seu primeiro romance *Mar cor de vinho* pela Editora Patuá, em 2019. Em 2022 traduziu e publicou pela Editora Autografia uma tradução de *Animal Farm* de George Orwell. Escreve prosa e poesia.

no meio de nós  
a ponte aérea  
o Santos Dumont  
tempo que não passa  
filhos que não virão  
estrada interditada  
nevoaça  
sobre arranha-céus  
purpúreos  
a existência do inexistente  
amor desperdiçado



# Achados e Perdidos

**AUTORIA** TATIANE LUCHEIS

**EDIÇÃO** EQUIPE EDITORIAL

**REVISÃO** THAIS ROCHA



Tati é uma geminiana que mora em São Paulo, mas foge para a natureza sempre que pode! É formada em Psicologia e trabalha com Escrita e Produção de Conteúdo. Como boa amante da literatura, é escritora, mas, antes de tudo, uma grande leitora – do tipo que não sai de casa sem ter ao menos um livro em sua companhia.

Trabalho nos trilhos do metrô de São Paulo desde que me lembro. Gosto de estar sempre em movimento, de saber que meu trabalho é importante para outras pessoas. Afinal, sem transporte público essa cidade para.

Mas, desde que me acidentei e fiquei com essa maldita perna ruim, sinto que virei um peso para meus colegas. Depois que voltei da licença, estava ansioso para voltar a comandar um trem. Mesmo com o apoio da bengala, nada me impedia de apertar meia dúzia de botões.

Porém, me mandaram passar lá na sala do RH: o código universal para “você está em apuros”. Pensei que seria demitido, mas sabia que isso não poderia acontecer logo na volta de uma licença médica.

Pois bem, fui na bendita sala para conversar com um rapaz que deveria ter metade da minha idade e um sorriso parafusado no rosto. Ele disse que eu seria remanejado para funções administrativas, *por tempo indeterminado*, para que pudesse realizar um trabalho mais leve e confortável para mim.

O que ele sabia sobre conforto? Eu só queria voltar para os meus trilhos!

Sorri e aceitei meu destino, resignado. Como faltava pouco para me aposentar, sabia que a estratégia era bem conveniente para a companhia: me esquecer na sala dos achados e perdidos até que eu fosse mandado de vez para casa.

No começo estranhei bastante, fui da agitação das estações para uma salinha mal iluminada no final do corredor. Era como se eu estivesse ali para não atrapalhar, assim como os objetos à minha volta, que eram armazenados ali *temporariamente*.

O sistema é eficiente, porém burocrático: são encaminhados para a central de achados e perdidos todos os objetos encontrados dentro dos trens e das estações

do metrô. Objetos cujos proprietários podem ser identificados, como documentos, carteiras e agendas, ficam por até noventa dias à espera de seus donos. Pertences não identificáveis, como uma bolsa, livro ou garrafa de água são doados ou descartados após trinta dias — apesar de sermos proibidos de admitir que boa parte dos itens vai mesmo parar na lata de lixo.

Existe uma cláusula no meu contrato que me impede de revelar tal informação, então, se você contar que eu te contei, eu nego. *Combinado?*

Bom, o fato é que, desde então, passo o dia todo nessa sala abafada, sozinho e cercado de objetos perdidos. Ou achados, se preferir. Muitas vezes, as pessoas não sabem onde os perderam: se foi no trajeto ou em seu destino final, então a maioria delas não se dá ao trabalho de vir procurar aqui na central. Outras sabem que perderam seus bens no transporte, mas não acreditam que eles tenham chegado em minha sala, tendo plena certeza de que alguém já se apossou deles no caminho — o que acontece com frequência.

Essa série de esquecimentos e mal-entendidos faz com que eu tenha muito tempo livre. E foi assim que tudo começou. Primeiro, comecei com uma jaqueta jeans: perguntei-me porque ela estava lá, e encontrei a resposta em seu bolso, na forma de uma carteira de habilitação. Peguei o documento e li todas as informações: pertencia a um homem na casa dos trinta anos. Então, tudo o que eu sabia sobre essa pessoa era que ele sabia dirigir, gostava de jeans, tinha uma jaqueta e fora distraído o suficiente para perdê-la.

Depois encontrei uma *necessaire* feminina que tinha como chaveiro uma etiqueta de identificação, e ali estava o nome de sua proprietária. Sabendo que a chance de ser flagrado era mínima, não contive o impulso de abrir o zíper para espiar o conteúdo. Me senti tão íntimo daquela mulher ao ver o que ela carregava: uma miniatura de frasco de perfume adocicado, alguns itens de maquiagem, incluindo um chamativo batom vermelho, lenços de papel, grampos de cabelo, um espelho, uma caneta azul, lixa de unha, analgésicos e preservativos. Fiquei me perguntando se ela carregava aquilo todos os dias ou se aquela era uma ocasião especial.

Então, essa curiosidade foi se tornando parte de minha rotina, era um jogo que eu jogava sozinho: escolher um objeto e tentar conhecer o dono através de suas características. Um caderno, por exemplo, além de revelar o conteúdo que seu dono estudava, também mostrava traços de sua personalidade pelo traçado e a organização.

A brincadeira se tornava ainda mais emocionante quando eu tinha chance de conhecer o dono do objeto investigado. Eu torcia para que acontecesse em meu horário, e ficava decepcionado se o objeto não estivesse mais lá quando eu chegasse para um novo turno, pois era nesse momento que eu tinha a chance de ver uma pessoa real a minha frente, o que me permitia confirmar ou refutar minhas hipóteses. Mas apenas as mais superficiais, afinal esse único contato não era suficiente para me revelar aquilo que seus objetos perdidos haviam me mostrado.

*Pare de me julgar, sou velho e sozinho.*

Às vezes até me emocionava ao assistir o reencontro do objeto perdido com seu dono. Descobri que as pessoas desenvolvem uma relação afetiva com as coisas mais improváveis do mundo. E muitas me agradeciam como se fosse eu mesmo quem os tivesse encontrado.

Dessa forma, encontrei um meio de ser menos solitário, em meio àquilo que outras pessoas tinham perdido, ou simplesmente deixado para trás. E, então, conheci Denise, uma simpática jovem de cinquenta e dois anos, que começou a trabalhar no setor de limpeza.

Ela foi escalada para trabalhar no mesmo horário que eu e, um dia, foi limpar minha sala. Começamos a conversar e ela pareceu interessada em saber um pouco mais sobre meu trabalho, o que me deixou muito feliz, pois nunca pude dividir com ninguém o entusiasmo pelos objetos perdidos e seus curiosos sujeitos. Talvez tenha sido por isso que ela começou a me visitar de vez em quando. Às vezes vinha para fazer faxina, mas em outros dias passava apenas para dar um “oi” mesmo. Sempre que ela aparecia, conversávamos um pouco sobre amenidades, sobre o

clima e sobre novelas — ela adorava assistir novelas.

E ela continuava demonstrando interesse na rotina pacata da sala de achados e perdidos. Um dia, quando ela chegou, eu estava folheando um caderno de capa dura. Eu me assustei com sua entrada e o fechei rapidamente. Ela riu e perguntou o que eu estava fazendo, e eu menti, dizendo que procurava alguma informação que identificasse seu dono.

— E você não tem curiosidade de ler, não? — ela perguntou.

Fiquei tão desconcertado que não fui capaz de dar uma resposta rápida. Ela não pareceu notar e completou dizendo que não aguentaria.

— Às vezes dá um pouco de curiosidade mesmo — menti.

Mas a verdade é que eu estava no meu limite. Sentia falta de conversar com alguém, de compartilhar meus segredos. *Por que não com Denise?*, pensei.

Então, parei de resistir e resolvi abrir o jogo com ela e contei sobre meu pasatempo de adivinhações e, para minha surpresa, ela perguntou se podia me ajudar na próxima vez.

Finalmente deixei de ser só, agora que ela vinha todos os dias para ver o que se perdera na noite anterior — ou o que fora achado.

Em pouco tempo, já dividíamos algumas piadas, cujo significado apenas nós conhecíamos. Como quando o ursinho de pelúcia veio parar na minha sala. O pequeno cachorrinho carregava uma coleira com um nome e telefone. Eu cheguei a ligar, mas ninguém nunca atendia. Todos os dias, Denise passava para saber do “au-au” e dizia que ia acabar adotando o bichinho se ninguém aparecesse logo para buscá-lo. Apesar da minha vontade de lhe entregar a pelúcia, tinha medo de ser punido por isso. Então, o cachorrinho passou a habitar minha mesa.

Também conversávamos sobre nós dois, é claro. Foi assim que descobri que ela era viúva, como eu, porém mãe de dois filhos e avó de um neto, diferente de mim, que nunca constituí família, sendo sempre apenas eu e Rose, até que ela me deixou.

Já fazia alguns anos desde que minha esposa se fora, e eu nunca tinha me interessado por ninguém desde então — pelo menos não de verdade. Foi uma sur-

presa perceber que sentia falta de Denise quando ela não aparecia para me ver. Me flagrei observando os traços de seu rosto enquanto ela olhava entusiasmada para a pilha de itens aleatórios recém-chegados.

Ela me fez sentir um friozinho gostoso na barriga que há muito eu deixara de sentir. Demorei dois meses para ter coragem de chamá-la para sair, tinha medo de estar interpretando mal os sinais. Afinal, fazia tanto tempo que eu não conversava com uma garota...

Mas, finalmente tomei coragem e a convidei para ir ao cinema comigo. E ela aceitou.

No dia, eu mal conseguia lembrar o caminho para o cinema, de tão agitado que estava. Fiz questão de pagar nossas entradas, alegando que fora eu quem lhe fizera o convite.

— Ora, se você não me convidasse logo, eu acabaria fazendo. — Riu, corando.

Depois disso, obviamente não consegui me concentrar no filme que se desenrolava à minha frente. Me senti novamente como um adolescente em seu primeiro encontro. Saindo de lá, tomamos um sorvete enquanto caminhávamos até a estação de metrô mais próxima. Era tão bom estar em sua companhia que nem me incomodei de precisar arrastar a bengala ao caminhar.

Pegamos o trem em sentidos opostos, mas ficamos acenando um para o outro enquanto esperávamos — o meu chegou primeiro, caso esteja se perguntando. E eu fiquei observando aquela linda moça diminuir em meu campo de visão até sumir.

Pensei que seria estranho encontrá-la no trabalho no dia seguinte, mas ela já estava tão impregnada em minha rotina que nosso encontro foi muito natural. Esquisito seria não vê-la rondando minha sala, ou então apoiada em seu esfregão enquanto conversávamos ou investigávamos a identidade do dono de um guarda-chuva perdido.

Mas eu não sabia se o encontro se repetiria. O que aquela jovem senhora poderia querer com um velho rabugento como eu? Sua companhia no trabalho já

me fazia feliz e tentei me convencer de que isso bastaria.

Alguns dias depois, porém, Denise me contou que seu aniversário se aproximava e que ela faria uma festinha para comemorar com os filhos e o neto. Sorri e antes que pudesse fazer qualquer comentário, ela se enrolou toda, falando apressada:

— Queriasabersevocêquerir.

— Hum? — perguntei, tentando conter um sorriso que brincava em meus lábios.

— Você tem compromisso no sábado? É só um bolinho mesmo, pois as crianças insistem que não posso deixar passar em branco. O que posso fazer se fui eu quem os ensinou assim? — disse, orgulhosa.

Gaguejei uma resposta, confirmando que estaria em sua casa no sábado à noite. E não tive como fugir do compromisso: conhecer sua casa e família. De repente, me dei conta de que conheceria mais sobre ela em sua casa, afinal eu só conhecia alguns de seus aspectos, desde que ela se perdera em minha sala.

No sábado, passei mais de uma hora me arrumando. Acho que nunca demorei tanto para fazer a barba antes.

Fui munido de um buquê de flores, que me pareceu um bom presente de aniversário. Ela me recebeu na porta, toda sorridente, e reparei que estava mais perfumada do que o habitual — e maquiada, o que era uma novidade.

— Obrigada, querido! — disse, me dando um beijo na bochecha. — Entre, entre! — Me puxou para dentro.

Assim que passamos pelo corredor, fomos parar em sua pequena sala de estar, onde uma moça brincava com um menininho.

— Mariana, Gustavo, esse é o Alceu, meu colega de trabalho. *Aquele que comentei com você outro dia* — completou, dirigindo um olhar para a filha.

Fiquei tenso, imaginando o que ela havia falado de mim para a filha. Cumprimentei os dois e dei uma olhada rápida no cômodo à volta. Um sofá azul, uma grande TV — *para as novelas*, pensei — e um aparador com porta-retratos de sua família.

Ouvimos vozes vindas da cozinha, seu outro filho e uma moça que deveria ser esposa dele.

— Filho, esse é o...

— O moço dos achados e perdidos. Mamãe disse que a vovó encontrou um namorado nos achados e perdidos, não é engraçado? — disse o menino.

A mãe lhe deu uma bronca, mas não havia como retirar suas palavras do ar. Então, Denise segurou minha mão, entrelaçando nossos dedos e disse:

— Sim, ele estava lá. Não sei quando se perdeu, mas estava pronto para ser encontrado.

Sorri, apertando sua pequena mão dentro da minha. *Acho que eu não estava mais sozinho.*

# O Menino do Skate

**AUTORIA** LUÍSA SCHEID

**EDIÇÃO** EQUIPE EDITORIAL

**REVISÃO** THAIS ROCHA



Luísa Scheid é uma típica capricorniana, teimosa e desconfiança. Adora música e tem uma playlist para qualquer situação. Quando não está escrevendo, está jogando vôlei ou cantando musicais para todos os vizinhos ouvirem.

*A incrível história do amor que não aconteceu*

Sabe como vários romances na literatura e no cinema começam com um pequeno acidente? Um trombo, um tropeço... Nunca fui muito chegada nesse tipo de trama. Talvez por nunca ter vivenciado nada do gênero, não conseguia enxergar realidade em narrativas do surgimento desse tipo de amor.

Pois bem, digamos que eu mordei minha língua.

Lá estava eu, caminhando entretida na música que vinha do meu iPod. Grande avenida, o grande movimento de sempre... e eis que *ele* me atropela. Acho que tentou desviar de outro alguém, ou tentou me ultrapassar e eu que mudei de sentido.

Verdade seja dita: não importa muito como aconteceu — para todos os efeitos, ele acertou o skate no meu pé. Ele voou para frente, e seu meio de transporte voltou para trás.

Pela forma com que ele aterrissou, pude ver a raiva que sentia por ter sido interceptado. Oras, era o meu pé que estava machucado, não o dele! Eu que deveria estar brava — *e fiquei mesmo*. Acho que até fechei a cara enquanto observava o babaca se equilibrar, torcendo para que ele desse de cara no chão...

Minha maldição não deu certo, *que pena*.

Vi a ira em seus ombros antes de ele se virar e me ver.

Se estivéssemos em um filme, esse momento aconteceria em câmera lenta. Se estivéssemos em um livro, um de nós perderia o fôlego por um milésimo de segundo. Ele coçaria a cabeça, constrangido. Eu arrumaria o cabelo, envergonhada, e lentamente agacharia, a mão alcançando meu pé dolorido. Ele se aproximaria para checar se eu estava bem, nossas mãos se tocariam, nossos olhares se encontrariam e *BAM!* Surgiria o amor.

É óbvio que nenhum dos dois notaria isso logo de cara, mas algum objeto meu, obviamente identificado, faria o favor de cair durante o pequeno acidente sem que nenhum de nós notasse. Ele me ajudaria a me levantar, esperando, no fundo, que eu não conseguisse andar, mas eu estaria encabulada demais para manter essa situação constrangedora por muito mais tempo. Eu agradeceria a ajuda e pediria desculpas pela milésima vez. Aliás, as únicas palavras a saírem da boca dele durante todo esse *encontro* seriam “Foi mal” e algumas tentativas ininteligíveis de se começar uma conversa.

Eu me despediria com o olhar de quem quer ficar e, já a alguma distância, viraria para trás para saber se ele ainda estava lá, se ele também me olhava. *Ah, sim, ele me olhava.* Que vergonha eu sentiria. E ele também, mas mesmo assim me observaria partir depois de soltar um longo suspiro, não acreditando no que acontecera — e não acreditando, ainda mais, na sua incapacidade de conversar com uma garota. Quando já não conseguisse mais me distinguir dos outros, ele desviaria o olhar para o chão e encontraria o objeto largado no chão.

*Ah, os cosmos sempre ajudam os apaixonados.*

Ele cuidaria do que quer que fosse esse artefato como se fosse sua vida, afinal, seria a única forma de me reencontrar. E eu? Bom, eu continuaria sendo eu mesma. Desde o segundo que o deixasse para trás, por certo pensaria em mil tramas que começariam com um acidente — e começaria um livro novo em que a protagonista se apaixona por um skatista.

Eu o procuraria em cada rapaz em cima de uma prancha com quatro rodas, mesmo consciente da impossibilidade de encontrá-lo novamente, afinal, São Paulo não é como as novelas nos fazem acreditar. De noite, na hora de dormir, perguntaria a minha fiel abelha de pelúcia o nome do amor da minha vida, o qual eu, por uma vergonha que não me é peculiar, perdi a chance de perguntar.

Após alguns dias, já estaria desacreditada do amor novamente e blasfemaria o destino, o grande culpado pelo meu sofrimento. Então, teria uma pequena taquicardia quando ele conseguisse me contatar, querendo me devolver meu preciosíssi-

mo objeto. Quando o encontrasse, eu contaria a história envolvendo esse quase-talismã e ele escutaria toda a besteira que eu diria com inquestionável interesse.

Por óbvio, combinaríamos em todos os gostos, mas mesmo assim demoraria muito até que percebêssemos que aquele acidente nada mais fora do que o destino unindo duas pessoas que foram feitas uma para a outra. Entre obstáculos e desentendimentos, nós dois sempre nos encontraríamos, sempre nos escolheríamos.

*Ah*, que esplêndida história de amor poderia ter começado com um erro de direção dele ou um desequilíbrio meu.

*Sim*, poderia ter sido uma magnificentíssima história de amor, mas ele estava em um relacionamento sério com a pressa paulistana e me deixou só com a dor no pé.



# Qualquer Lugar Onde Nossos Pés Podem Tocar

**AUTORIA** MAYANE HUMENIUK

**EDIÇÃO** EQUIPE EDITORIAL

**REVISÃO** CAMILA PAIXÃO



Mayane Humeniuk tem 23 anos. É paranaense e formada em Jornalismo. É redatora, escritora, gestora de tráfego, freelancer, fanfiquera profissional, estudante e mais um punhado de coisas. A escrita criativa sempre foi sua paixão. Deseja, com as suas histórias, viver tudo o que pode.

Aquela viagem havia sido planejada por prováveis décadas.

Júlio se lembrava de deitar na cama reserva no quarto de Lino, no remoto ano de 2009, e encarar — enquanto tentava se lembrar das fórmulas matemáticas passadas no cursinho pré-vestibular — a página de revista que ele havia colado toscamente no próprio teto. Uma foto de Tóquio, ensolarada e cheia de gente.

Naquela época, com 18 anos, os dois, Júlio e Lino, eram colegas de quarto e *quase* melhores amigos. Júlio tinha ido do interior de Goiás para Brasília há pouco tempo. E, apesar da gentileza instantânea de Lino oferecer-lhe um lugar para ficar, sua própria casa, com sua *própria família*, assim que o conheceu, Júlio ainda era tímido, meio bicho do mato e morria de medo de estragar as coisas, fossem elas a coleção de gibis que repousava na cabeceira de Lino ou a relação amigável que eles tinham.

Agora, dentro de um táxi japonês, ao lado de um Lino de 32 anos — que observava os prédios de Tóquio com os mesmos olhos juvenis que o paralisava do outro lado da sala cheia daquele cursinho em 2009 —, Júlio pensou em como ainda tinha o mesmo medo de estragar tudo.

— Ali, amor, a estação... Não é bonita? — Lino perguntou, apontando para o grande monumento que se aproximava com o movimento do carro.

Júlio sorriu mais com os olhos do que com a boca, assentindo com a cabeça. Estava animado com a ideia de visitar Yokohama usando o trem bala que saía da famosa Estação de Tóquio, mas ela era enorme, e devia estar cheia de gente. Enquanto a ideia de um lugar hiper urbano animava Lino, estar em meio a multidões atarefadas assustava Júlio.

Quando entraram no monumento clássico e altivo, com telhado e janelas em estilo europeu e paredes de tijolos vermelhos, Júlio sentiu os braços arripiarem em uma sensação estranha de pequenez. A estação, que por fora parecia um palácio

inglês, por dentro era moderna e, realmente, cheia de gente. As pessoas andavam para todos os lados em movimentos quase coordenados que não deixavam que se chocassem umas nas outras. Júlio sentiu também a forma como Lino apertou sua mão, como se ele soubesse — e ele sabia — o quanto Júlio tinha problemas com lugares novos. Foi ele quem segurou sua mão com carinho, como se o conhecesse, durante a crise ansiosa que Júlio teve ao se perder na primeira vez em que entrou no prédio onde estudavam, naquela tarde de 2009.

A verdade é que ninguém jamais enxergou Júlio como Lino enxergava.

Ele o puxou pela mão, indo até um mapa que detalhava as linhas do trem. Júlio decidiu focar nos aspectos bons daquele momento e, o principal, era que em meio àquele mar de gente, eles podiam dar as mãos com a desculpa de não se perderem.

— A gente tem que ir... para aquele lado — Lino disse, apontando para a direita.

— Tem certeza?

— Sim, olha. — Pousou o dedo sob uma linha específica, e Júlio conseguiu ler “*Tokyo – Yokohama / Platform 12*”.

— Ah, ok — assentiu, e Lino começou a puxá-lo entre o amontoado de gente.

Apesar de assustadora, a multidão não era desorganizada nem sufocante, e Lino andava devagar para que o caminho fosse mais fácil.

— Você está animado? — ele perguntou, virando a cabeça levemente para que Júlio pudesse ouvi-lo. Júlio não ouviu mesmo assim, uma voz feminina soou pelos alto falantes no mesmo momento.

— Oi?

— Está animado para visitar Yokohama? — repetiu, com sua voz alta e charmosamente fina.

— Claro! A gente vai ao Jardim, né? — Se referia ao *Jardim Sankei-en*, um dos lugares que havia visto no panfleto de viagens que vasculhara antes de comprar o pacote turístico.

— E à Chinatown também — ele respondeu, e Júlio apertou sua mão em um sinal de *mal posso esperar*.

Quando eles chegaram à plataforma 12, o trem já estava parado.

Depois de quatorze anos vivendo em Brasília, Júlio já havia aprendido a lidar com o metrô da capital, ele tinha apenas uma linha e, com uma boa música nos fones de ouvido, conseguia até aguentar os dias lotados. No Japão, no entanto, as coisas eram bem diferentes.

Aquela noção de que o país era muito tecnológico era real, afinal, aquele era o moderno ano de 2023, e Júlio se sentia envelopado em um ambiente meio higienista, branco e frio. Ele gostava. Era diferente da quente Brasília, mesmo que fosse verão e as árvores enfeitassem boa parte de Tóquio. Mas, como qualquer lugar novo, induzia em Júlio a sensação de estar sempre perdido. Era normal quando estava rodeado de pessoas desconhecidas falando outra língua e, na verdade, esse sentimento de estranheza fazia-o perceber como era Lino que o mantinha colado ao chão.

Nas últimas semanas, andava pisando em ovos ao redor do namorado, com um constante medo de errar. Haviam juntado as escovas de dentes há apenas dois meses e, mesmo com quase três anos de namoro e quatorze anos conhecendo um ao outro, Júlio ainda tinha receio de ser o responsável por fazer eles voltarem à estaca zero, *de novo*, por mexer no balanço que tinham juntos, na química que fazia a rotina ser prazerosa.

Em 2014, quando ainda eram só amigos, tiveram uma briga boba. Júlio disse de forma infeliz que Lino não passaria em um concurso federal concorrido e, Lino, com todo seu sangue quente, se afastou sem dar explicações. Júlio se lembrava, até aquele momento, de como chorou quando Lino passou no concurso e postou uma indireta bem direta para ele no *Facebook*. Soube naquele dia que a amizade deles não seria a mesma, e não se falaram por cinco anos.

Lino era bom o bastante para não perceber que Júlio ainda se preocupava em repetir o erro de 2014 — ou fingia não perceber —, mas sua hesitação estava ali, à espreita, esperando para bagunçar tudo.

— Acho que a gente tem que mostrar nosso *pass* para aquele cara e depois é só entrar. — Lino se inclinou levemente em direção a Júlio e o tirou de suas divagações. Ele apontou discretamente para um rapaz parado ao lado da porta, que sorria para todos os que entravam.

Júlio assentiu, remexendo na própria bolsa em busca dos *JR Pass*.

— Aqui — disse, oferecendo um dos cartões.

Lino devolveu um sorriso e uma aproximação que Júlio conhecia bem, ele queria lhe dar um beijo de agradecimento. Segurou uma risada e olhou para o anfitrião do trem, que educadamente não os encarava.

Lino acompanhou seus olhos e grunhiu, rindo e decidindo abraçá-lo de forma desengonçada. Júlio riu alto e chamou a atenção das pessoas em volta, mesmo assim devolveu o abraço, se sentindo genuinamente feliz.

— Vamos entrar — disse, se desvencilhando de Lino e segurando sua mão.

O trem bala era bonito e organizado por dentro, com assentos espaçosos e compartimentos para guardar bagagem.

Eles não haviam reservado assentos, então andaram pelo corredor até encontrarem um lugar bom o bastante. Acabaram sentando do lado da porta, no meio do vagão. Júlio na janela e Lino no corredor.

Lino guardava no compartimento a mochila que carregava, quando uma voz soou pelo alto falante do trem, primeiro em japonês e depois em inglês, avisando que seguiriam sem pausas até Yokohama e que, lá, fariam duas paradas.

— Ela falou que são duas estações? — Júlio perguntou, em dúvida, já que seu inglês não era dos melhores.

— Acho que sim. Mas tá ok, conseguimos ver o nome da estação naquele panfleto que a gente ganhou. — Lino havia acabado de se sentar de forma relaxada, por isso bufou quando se levantou novamente para pescar o panfleto da bolsa.

Júlio riu, o observando mexer na mochila, fazer barulho e chamar a atenção das pessoas sentadas em volta. Se preocupou quando ele pareceu ter dificuldade para encontrar o papel.

— Tudo bem aí?

— *Aaahn...* — Lino começou, tirando o rosto de dentro da mochila e o olhando com certa graça. Ele tinha aquele jeito de que cairia na gargalhada a qualquer segundo. — Eu acho que esqueci o panfleto no hotel. — Ele sorriu amarelo e Júlio arregalou os olhos.

— Lino! — Reclamou, indignado pela desatenção do outro. Lino não mudava... — Como a gente vai achar a bendita estação agora?

Lino pareceu ponderar por segundos, e abriu um sorriso ao olhar janela afora.

— É fácil, eu resolvo, é só perguntar para o rapaz... Ali, o rapaz da porta — disse, como se Júlio fosse bobo o bastante para não notar que o rapaz não estava mais ali.

— Amor... — avisou, começando a ficar ansioso com a situação.

— Ok, olha, tem um guarda parado ali, tá vendo? — Apontou para a janela e, seguindo seu dedo, Júlio realmente pôde ver um guarda não tão distante do trem. — Eu vou lá e pergunto para ele, é rapidinho, você sabe que eu sou bom no inglês, até arranho um japonês...

Júlio segurou uma risada, primeiro porque Lino era *muito* pior no inglês do que acreditava e segundo porque se sentia comicamente bravo por não resistir ao seu jeito carismático.

— Tá, mas seja rápido, a gente não sabe quando o trem sai... Olha só, mais um problema, a gente nem olhou que horas ele sai. — Júlio reclamou, com a mão na testa, pronto para pedir que Lino esperasse com a bunda sentada no banco. Eles poderiam perguntar sobre a estação para algum passageiro depois, mas Lino já estava na porta, saindo do trem, e provavelmente não havia nem lhe ouvido.

Júlio respirou fundo, tentando não pensar em cenários catastróficos. Lino seria rápido, ele nunca mentia, se ele achava que podia ser rápido, então ele seria. Sacou o celular e tentou se distrair, revendo as fotos que haviam tirado no dia anterior, na Torre de Tóquio.

Riu soprado ao olhar uma foto particularmente brega dos dois abraçados

em frente à vista.

O sentimento confortável foi interrompido, no entanto, quando um barulho alto soou, junto do alto falante, que dizia que os passageiros deveriam se manter em seus lugares, já que o trem sairia em um minuto.

O som alto era simplesmente a porta se fechando.

Uma sensação fervente afundou o peito de Júlio, que se levantou com rapidez, enfiando o rosto no espaço aberto da janela e procurando por Lino do lado de fora. O coração pulsava com força desesperada só de pensar na possibilidade de o trem partir sem ele.

— Lino! — gritou o mais forte que conseguia, sem realmente encontrá-lo.

A resposta a seu grito veio com o virar de cabeça e o olhar igualmente desesperado de Lino, que não estava muito longe dali, apenas um pouco escondido pela multidão.

— Lino! — disse de novo, sem saber formular instrução nenhuma. Não sabia o que Lino devia fazer para subir naquele trem, só precisava que ele subisse... urgentemente.

Viu o namorado começar a correr, de forma tão desastrada que riria se não estivesse sentindo a pior sensação do mundo apertar o peito.

— Júlio! — Ouviu Lino gritar, mas em vão, no momento em que se viram mais próximos, o trem já começava a andar.

— Lino! — gritou mais uma vez, com o tom mais profundo de seu desespero.

Sabia que, lá dentro, todos olhavam para ele e provavelmente se preocupavam e se incomodavam com o que acontecia, mas não importava, no momento nada importava, só o fato de que estava sozinho naquele trem, em um país que não conhecia, indo para um lugar que não conhecia, e Lino estava sozinho naquela estação.

Quando o trem entrou em um túnel, Júlio sentiu duas mãos o puxarem para trás pelos ombros, o afastando da janela. Era uma mulher que o fazia, e percebeu de relance que se tratava de uma comissária, já que usava crachá e um lenço amarrado ao redor do pescoço.

Não focou nela, no entanto. Sua respiração estava descompassada e suas mãos tremiam. Era uma pegadinha do destino que isso acontecesse justamente com ele, que morria de medo de estar sozinho em lugares desconhecidos e cheios. Sentiu a comissária o empurrando para que se sentasse no banco, e apenas obedeceu.

— *Senhor, você não pode colocar a cabeça para fora enquanto o trem está andando!* — ela instruiu em um inglês desesperado e com sotaque forte.

Júlio não soube como entendeu, mas entendeu, e assentiu em um movimento quase automático, sua cabeça se moveu desesperadamente para cima e para baixo, mas ainda hiperventilava e olhava para o próprio colo.

A comissária quis tocar em seu ombro, mas pareceu repensar. Júlio pensou em assegurá-la de que estava tudo bem, mas se lembrou da última visão que teve de Lino, correndo de forma desesperada em direção a sua janela. Se lembrou de que o trem estava andando.

Despencou em um choro baixo, que ele esperava que só a comissária ao seu lado pudesse ouvir. Saber que um punhado de cabeças estavam viradas em sua direção só piorava tudo.

— *Eu estou bem...* — disse em inglês, com voz quebrada e respiração entrecortada. — *Eu estou bem* — continuou repetindo, como se para se convencer.

— *Posso te trazer uma água?* — a comissária ofereceu, preocupada, e Júlio assentiu mais uma vez, porque a água era uma boa ideia e porque queria ficar sozinho.

Ela assentiu e se afastou, com o corpo mais relaxado, como se estivesse começando a resolver os problemas de Júlio. Para ele, no entanto, eles não tinham nenhuma solução plausível.

Não sabia em que estação descer. Não sabia se Lino conseguiria pegar outro trem. Não sabia como conseguiria lidar com um lugar cheio de pessoas sozinho. Não sabia como aguentaria as pessoas olhando para ele como se fosse maluco. Não era possível que não tivessem visto, Lino estava ali, ao seu lado, e foi deixado para trás!

Se tivesse sido mais rápido, se tivesse corrido até a porta e pedido aos gritos para descer... Se tivesse discordado de Lino ao menos *uma vez...*

Pensar naquilo aumentava o tremor em suas mãos, mas no que mais pensaria?

Levantou a cabeça pela primeira vez desde que foi sentado à força, percebendo o lado de fora enquanto esperava a água oferecida pela comissária. Eles ainda estavam dentro de Tóquio, e o sol brilhava, o clima era ameno dentro do trem, o cheiro que chegava às suas narinas era o de um lugar novo. Os prédios eram bonitos, e tinha certeza de que as árvores da parte não habitada do caminho eram tão bonitas quanto. Tentou focar em seus sentidos para fazer a crise passar, mas se lembrar de que não veria aquela paisagem com Lino, como planejado, só o fez se sentir pior.

Respirou fundo, três breves vezes. Estar sozinho era assustador, mas precisava saber o que fazer antes que o trem andasse demais e a situação se agravasse. Já havia lidado com crises de ansiedade o bastante para saber como elas funcionavam.

Podia descer na primeira estação.

Sim, a ideia era assustadora, mas ele e Lino tinham comprado linhas telefônicas que funcionavam no país, eles sabiam se planejar, eram precavidos, exatamente porque conversaram sobre o quanto a possibilidade de ficar sozinho arrepiava os braços de Júlio em um sentido bastante negativo.

Podia descer na primeira estação e ligar para Lino.

Pausou os pensamentos acelerados por um segundo para dar lugar a outros igualmente angustiantes, que o impediram de sacar o celular e finalmente ligar para o namorado. Talvez a linha não funcionasse, talvez Lino não o atendesse, talvez se desencontrassem, talvez não se concentrasse o suficiente a ponto de perder a estação.

Soluçava levemente pelo choro ainda presente quando seu celular tocou, o assustando e fazendo um homem sentado próximo resmungar.

Era o contato de Lino que brilhava na tela, fazendo seu coração se derreter por um bobo segundo. Ele havia tido a mesma ideia; mesmo distantes e assustados, estavam em sintonia.

— A-Alô — disse alto, mesmo que sua voz estivesse mais fraca e anasalada pelo choro do que esperava.

— Júlio... — Ouviu Lino dizer. Ele parecia desesperado, ao mesmo tempo que parecia... risonho. — Amor. — Sua voz fina e rouca soou de novo, mas Júlio sabia que ele não esperava uma resposta, apenas tentava expressar algo.

A comissária apareceu com o copo de água, e Júlio agradeceu com um aceno de cabeça. Foi quando ouviu a risada engraçada de Lino soar em sua orelha. Era uma risada alta, cheia e desesperada, daquelas que Lino dava quando estava nervoso ou muito tímido, ou quando realmente achava algo engraçado. daquelas que faziam ele soar como um *golfinho* e coagia outras pessoas a rirem também.

— Amor, eu... — A risada interrompeu sua fala. — Eu não acredito que eu fiz isso. Que bobagem... Por que isso só acontece comigo? — ele perguntou, enquanto ainda ria com força.

Júlio sorriu um pouco, imaginando Lino rindo de se dobrar no meio da estação cheia. *Que bobagem*. O amava de verdade.

Acima de tudo, começando a se acalmar, se sentia um pouco constrangido por ter se desesperado enquanto Lino *ria* da situação. Para ele a vida nunca era tão leve, sua ansiedade o fazia catastrofizar tudo e ele sabia, se sentir constrangido também fazia parte do pacote de *não gentilezas* que ser ansioso trazia.

— Me desculpa, amor, me desculpa mesmo, foi culpa minha, mas — Lino pausou, se mantendo em silêncio por um segundo, como se tentasse ouvir algo. — Amor, você tá chorando? — perguntou, em um tom mais silencioso e preocupado.

Júlio nem percebeu que fungava contra o celular, daquele jeito que só acontece depois de uma boa crise de choro.

— Um- um pouco — respondeu, não querendo alarmá-lo. — Eu tô preocupado e... com medo.

Lino se calou. Júlio tinha certeza de que ele procurava um lugar mais privado e silencioso para conversar. Ouviu ele soltar um sonzinho de partir o coração, antes de dizer:

— Meu amor, me perdoa. Foi culpa minha. Não chora, por favor! Demorei para ligar porque estava pedindo informações. Agora, respira, ok? A gente vai se

ver... A gente vai se ver logo. — Sua voz era calma, mesmo que nunca soubesse exatamente como proceder durante as crises de Júlio.

— É? — perguntou, percebendo que suas preocupações eram, afinal, infundadas. Já se sentia melhor, só de conversar com alguém que conhecia, com a pessoa em quem mais confiava.

— Sim. Você precisa descer na primeira parada, *primeira*, ok? Assim que o trem parar, você desce. Eu estou esperando o próximo trem, ele chega em uns... quinze minutos. Você chega na primeira parada em, provavelmente, quinze minutos também. Te juro que a primeira estação de Yokohama é bem mais vazia que a de Tóquio, você só precisa pensar que eu vou chegar, eu vou chegar em menos de vinte minutos e vamos estar juntos de novo, ok? Tá tudo bem, amor, tudo sob controle, a gente se desencontrou, mas vai se encontrar de novo em menos de uma hora.

Júlio respirou fundo uma última vez, tomando um gole de água e focando nas informações. Queria ter certeza de que não complicaria mais as coisas.

— Ok, ok, eu desço assim que o trem parar.

— Isso, é a estação mais próxima do Jardim, você quer visitar ele, não é?

— Sim, sim, eu quero.

— Então, é lá! — Lino disse, e Júlio o imaginou sentado em um banco da estação cheia, com as pernas cruzadas e um dos braços jogado sobre o joelho, como ele sempre fazia quando descansava.

Queria estar com ele. Era meio ridículo como aqueles poucos minutos sem ele, depois de terem sido arrancados um do outro, o haviam feito perceber como *queria estar com ele*.

— Lino — começou a dizer, hesitando por um segundo. Havia se lembrado de algo.

Nos momentos mais aleatórios, se lembrava de Lino mais jovem, um menino doce e enérgico. Ele era esquentadinho também, mas tinha medo de magoar as pessoas, então não ia muito longe nas brigas que arranjava.

Se lembrava de como tinha medo de perdê-lo sempre que o via dando mais

atenção para outros amigos; como se perguntava se seria ali que virariam pessoas não tão próximas, daquelas que se falam e se gostam, mas que não sabem nada uma sobre a outra.

De certa forma, Júlio havia se conhecido apenas quando se deparou com a doçura de Lino. Até então, era um menino interiorano e reprimido, que não entendia muito bem os próprios anseios e que não era acostumado com carinho.

Quando tinha seus 18 anos e olhava para Lino, no auge da confusão a respeito da própria sexualidade, sentia que ele era *sua pessoa*.

— Hum? — Lino o estimulou a falar.

— Você sabia, não é? Que eu era apaixonado por você desde que... Desde o primeiro dia? — perguntou, sabendo que o deixaria sem palavras. — Sabia que, às vezes, quando a gente saía com os meninos do cursinho, sabe, Marcelo, Rodrigo, Max... Eu me sentia sobrecarregado, perdido na conversa, enciumado porque você conversava demais com o Marcelo, mas aí você me olhava e eu te olhava e eu me sentia... com os pés no chão de novo. Como se você fosse eu, e eu, você — vomitou as palavras, colocando para fora coisas que nunca soube como dizer. Não sabia se Lino sentia o mesmo a respeito desses momentos, mas precisava contar a ele.

Lino fez um outro barulho ininteligível e engraçado antes de responder.

— Eu- na verdade eu não sabia, eu achei que você só tinha se interessado por mim depois... que voltamos a nos falar — ele disse, parecendo desconcertado e feliz ao mesmo tempo.

Júlio entendia porque ele tinha essa impressão.

Quando voltaram a conversar depois dos cinco anos de silêncio, após se encontrarem por coincidência em um mercado, foi Lino quem propôs que ficassem juntos, quem confessou que sempre quis beijá-lo e quem o pediu em namoro. Júlio ficava em êxtase com tudo aquilo, mas estava sempre esperando por Lino.

Incrivelmente, a amizade dos dois continuou a mesma a partir daquele encontro não combinado, como se nem ao menos um dia houvesse passado. Pensar nisso fez o coração de Júlio apertar, em uma necessidade boba de estar perto dele,

só mais um minuto. Pagaria por mais um minuto ao lado dele.

— Não vou desgrudar de você quando nos vermos — disse então, não se importando em esclarecer mais nada. — Quero passar cada segundo com você... E quero que saiba o quanto eu te amo.

Uma sensação avassaladora de ternura e amor se instaurou, e por um segundo se esqueceu da situação em que estava, sozinho em um trem, com o rosto molhado, dizendo tudo aquilo por telefone.

— E eu te amo mais — Lino disse com facilidade, como se comentasse sobre o tempo.

— Isso é impossível, eu... Você me perdoa? Por estar estranho ultimamente? Desde que fomos morar juntos eu tenho medo de fazer tudo errado, como aconteceu naquela vez. Talvez eu esteja fazendo tudo errado...

— Estranho? — Lino o interrompeu, soando genuinamente confuso. — Você não está estranho, você... é assim. Ansioso, paranoico, cuidadoso. Você presta atenção, você cuida de mim. Eu te amo assim. Você acha que eu vou deixar de te amar por ser assim? Acha que é o único que precisa de mim?

— Eu- eu não sei, às vezes eu acho que sou demais para aguentar. Às vezes eu... eu queria ter te conhecido desde criança. — *Queria ter sentido desde moleque o que você me faz sentir.*

— Desde criança? Mas a gente se conheceu tão novo... — Lino comentou, parecendo interessado no que Júlio dizia.

— Sim, mas... você é minha pessoa — disse, como se fosse óbvio.

— É verdade — Lino sussurrou e, mesmo que Júlio soubesse que ele não queria contrariá-lo, ouviu sinceridade em seu tom.

— Quando eu te ver, vou te abraçar e te agradecer por ser meu melhor amigo por tanto tempo — disse, por fim, com os olhos fechados. Podia sentir aquele momento na ponta dos dedos, por isso esperaria por ele com calma e amor.

— Eu mal posso esperar. — Foi a resposta um pouco embargada de Lino, e Júlio sorriu. — Nós podemos tomar sorvete assim que nos encontrarmos.

— E comer taiyaki.

— E comer taiyaki — Lino concordou.

— Eu te amo.

— Eu te amo mais.

Depois disso, o sinal de telefone enfraqueceu, e Júlio só teve tempo de ouvir a voz áspera de Lino dizendo que eles se veriam logo.

Não sabia que horas era quando o trem saiu, então ficou em alerta, esperando o anúncio da voz feminina pelo alto falante.

O resto da viagem pareceu longo, mas na verdade foi rápido, e quando ele ouviu o anúncio da parada, se levantou e pegou rapidamente a bolsa de Lino do compartimento, a abraçando com carinho contra o peito.

Mais vinte minutos, apenas vinte minutos.

Quando desceu na estação, ela realmente estava mais vazia do que ele imaginava, e mesmo que lugares novos o embrulhassem o estômago, se sentou em um dos bancos compridos e esperou, com suas pernas nervosas e suas unhas roídas.

Se sentia um homem velho na maioria das vezes, principalmente quando demonstrava ansiedade na frente de outros. Isso nunca acontecia ao redor de Lino, com ele se sentia o mesmo adolescente, aprendendo mais sobre si mesmo conforme aprendia mais sobre ele.

Quando o trem de Tóquio chegou, se levantou de forma urgente, tentando não se agitar e sentindo o coração martelar o peito. Tinha medo de que Lino não estivesse naquele trem, mas, acima disso, tinha uma euforia que o sufocava com a possibilidade de vê-lo.

Quando viu seu corpo pequeno saindo pela porta, mordeu os lábios para não chorar, e focou no sorriso que apertava os olhos dele, como se tudo aquilo fosse uma aventura que viveram juntos.

Não disseram nada nos primeiros minutos em que se encontraram. Para Júlio, se encolher, encostar o nariz no pescoço dele e chorar de alívio era o bastante.

Seus pés tocavam o chão de novo.

# Procura-se Amor no Ônibus

**AUTORIA** ANA FERRARI

**EDIÇÃO** EQUIPE EDITORIAL

**REVISÃO** CAMILA PAIXÃO



Ana Ferrari consome romance de café da manhã, de preferência com três colheres de açúcar. Quando não está procrastinando, está escrevendo histórias sobre seus vícios favoritos como forma de justificar nunca ter superado sua fase fangirl.



Para a menina do cabelo ruivo que está sempre com um livro diferente no ônibus 5001-06:

(Caso você seja apenas uma pessoa curiosa e não a garota em questão, por favor devolva a carta ao envelope no mural onde você a encontrou quando terminar de ler. Obrigado!)

Eu sei que em pleno 2023 deveria ter uma forma melhor de fazer isso, e eu me sinto ridículo de ter que chegar a esse ponto; mas, sinceramente, não tinha outra opção.

Primeiro, eu sempre esqueço de perguntar seu nome. Ficamos tão focados discutindo nossas séries de livros favoritas — e eu talvez sempre acabe distraído, só um pouquinho, com a forma como você enrola os dedos pelos fios soltos do seu cabelo enquanto conversamos — que a pergunta mais simples, e mais importante, escapuliu da minha mente quando finalmente tive coragem de pedir seu contato, e veio me assombrar quando te vi sumindo na multidão.

Segundo, o papel em que você anotou seu telefone foi para máquina de lavar junto com a calça jeans no final do dia. Não quero apontar dedos, mas meu irmão queria roupa para encher a máquina e assaltou meu quarto enquanto eu tomava banho, só quando meu celular terminou de carregar e eu fui em busca do papel que eu descobri o acontecido.

Por isso, aqui estamos. Não quero ser presunçoso e achar que você mudou seus horários para não pegar o mesmo ônibus depois que eu não te mandei mensagem como prometi, mas se foi o caso, eu espero sinceramente que você encontre esta carta e me dê uma segunda chance. Poucas vezes na vida eu fiquei feliz de pegar um ônibus logo cedo, mas você, e eventualmente as nossas conversas, foram responsáveis por alegrar incontáveis manhãs.

Se eu não tiver entendido tudo errado, e caso você continue interessada em me dar seu número novamente — agora ando com uma bateria externa para garantir que tenho como salvar seu número imediatamente no celular —, te espero no horário de sempre, no nosso ônibus.

Abraços, TJ (ou o menino que também está sempre com um livro diferente na mão)



# O Ilusionista

**AUTORIA** LUÍSA SCHEID

**EDIÇÃO** EQUIPE EDITORIAL

**REVISÃO** CAMILA PAIXÃO



Luísa Scheid é uma típica capricorniana, teimosa e desconfiança. Adora música e tem uma playlist para qualquer situação. Quando não está escrevendo, está jogando vôlei ou cantando musicais para todos os vizinhos ouvirem.

NOTA: *qualquer semelhança com a realidade não é mera coincidência*

Viver em uma cidade tão cheia e anônima quanto São Paulo tem suas vantagens — como passar despercebida pelas milhares de pessoas em sua rotineira pressa —, mas também tem suas desvantagens — como passar despercebida pelas milhares de pessoas em sua rotineira pressa. Pessoas que vejo passando por mim, mas não enxergo. Ninguém me enxerga também. Ninguém está realmente preocupado com os outros ao seu redor, não quando se trabalhou ou estudou o dia todo e tudo que se deseja é um bom jantar e cama.

Assim que as portas do metrô se abrem, eu entro e me sento logo ao lado de um homem que joga em seu celular tão concentrado que nem percebe minha presença. Antes de tirar um livro de dentro da mochila, corro os olhos pelo vagão. O metrô ainda está um pouco cheio apesar do horário. Pessoas em pé, pessoas sentadas. Enxergo-as, mas não as vejo. Não sei quem são, de onde vieram, para onde vão...

São apenas algumas estações da República até a Mooca, mesmo assim abro meu livro e desvio o olhar para as palavras à minha frente, pronta para me perder em um universo mais convidativo que os olhares vazios e anônimos ao meu redor. Mal começo a ler, o trem começa a se mexer. Não vejo de onde vem, apenas percebo alguém caindo em cima de mim. Assim que a pessoa se levanta, ergo meu rosto e, enquanto meu cérebro trabalha para entender se estou assustada ou se estou com raiva pela página amassada do meu livro, encontro o olhar de um rapaz.

Não escuto, pois a música alta em meus fones de ouvido não permite, mas leio um pedido de desculpas em seus lábios. Ele provavelmente caiu em cima de mim quando tentou sentar-se no banco vazio à minha frente. Culpa do motorista que acelerou sem avisar, *claro*. Seria compreensível — afinal, quem nunca? —, mas

não termina por aí. Para completar a imagem de *babaca* que já criei, ele tem uma garrafa de Heineken em sua mão. Óbvio, ele está bêbado. Não consigo deixar de desgostar dele ao olhar novamente para a página amassada.

Passo meus dedos tentando desamassá-la e, apesar de querer voltar ao universo em que estava antes, não consigo mais prestar a atenção na leitura, principalmente porque sinto o olhar do rapaz em mim. *Não, cara... Esta não é a melhor situação para flertar.* Ainda por cima com ele, que não começou exatamente bem. Lugar errado, hora errada.

Apesar disso, os cosmos sabem por qual motivo não consigo deixar de prestar atenção nele e em suas roupas especialmente chamativas. Não é calça jeans e camiseta, mas também não é terno e gravata. É algo ali no meio. Tem um terno, tem uma camisa roxa, mas também tem um chapéu preto e um anel vermelho.

Balanço a cabeça, tentando desviar minha atenção de volta para o livro, mas então ele abre a garrafa de cerveja e o líquido — provavelmente quente — borbulha para fora, molhando o chão aos seus pés. Por pouco, não molha os meus também. *Claro*, não podia faltar a clássica derrubada de bebida. Deve ser um dos maiores clichês para aproximação. Pelo menos ele não inventou de derrubar em mim.

Estou bufando por dentro e preparo minha melhor expressão de ódio, querendo ter o poder de queimá-lo com o olhar. Confesso, contudo, que sua expressão de *Isso não estava no script* me amolece. Ele ri e é um sorriso descontraído de quem se desculpa. Não consigo evitar o meu próprio riso desacreditado com tamanho *desastramento*. Desvio o olhar logo em seguida, em minha tentativa final de reconstruir minhas barreiras.

É inútil, na verdade. Talvez tenha sido o riso em conjunto, mas ele não é mais somente um estranho que passou por mim em mais uma noite paulistana. Tento me concentrar ou na música que toca em meus fones de ouvido ou no livro que, agora, apenas finjo ler. Apenas mais algumas estações e posso voltar ao meu mundo de anonimato.

Mas agora ele me vê. Faz menção de falar comigo e a única coisa que não

consigo fazer é ignorar. O primeiro dos fones sai facilmente. Ele pergunta qual é o livro. *Clássico*. Diz que gosta de literatura. *Ah, tá*. Pergunta que tipo de livro eu gosto. *Thrillers, daqueles bem sanguinários que me inspiram cinquenta formas diferentes de matar você*. Minha mente é venenosa, mas tento manter minhas respostas minimamente educadas. Ele não vai muito longe com esse papo de qualquer forma.

Então ele se apresenta como *ilusionista*... “Um dos melhores de São Paulo” repete algumas vezes. Fala seu nome, mas estou tão incrédula — e desinteressada — que não gravo. Sejamos honestos: não me importo com seu nome. Apenas gostaria que ele me deixasse continuar com minha leitura.

— Não acredita? — pergunta ele, colocando a garrafa de cerveja no chão. *Não, não acredito*, penso em silêncio, mas mesmo assim o segundo dos fones vai embora quando ele tira um pequeno objeto de dentro do terno. Ele o oferece para mim. É um daqueles envelopes marrons de escritório, dobrado tantas vezes que cabe na palma de sua mão. — Se acertar o que tem dentro, te dou vinte euros. — *Euros!* Considerando a crise, me parece uma boa proposta.

Pego o envelope dobrado e com os dedos tento sentir se há algo no meio. *Nada*. Tudo que sinto é papel. Viro de um lado para o outro e realmente não sei o que poderia caber dentro de algo tão pequeno. Aperto mais uma vez; parece algo redondo..?

— Uma moeda? — digo, levantando o olhar de volta para ele.

*Sério mesmo!? Uma moeda? Esse é o melhor que consegue? No mínimo você poderia demonstrar um pouco mais de vontade. São vinte euros em jogo! Vinte euros! Preciso repetir?* Já foi, consciência, já foi.

— Uma moeda — repete ele. — Será?

Ele pega o envelope da minha mão e me entrega a nota prometida. Enquanto eu a viro de um lado para o outro, conferindo se é real, ele começa com aquela velha ladainha de mágico enquanto se prepara para o *grand finale*. Não presto atenção nas palavras, somente em suas mãos abrindo o envelope com uma calma cirúrgica, crente que nada sairia de dentro dele.

O envelope parece vazio, mas então ele tira outra Heineken de dentro.

*Uou.* Minha mente faz silêncio. Ao meu redor, burburinhos. Vozes e risadas. Até palmas acho que escuto. Temos uma plateia, e ela aprovou a mágica. E eu achando que era exclusiva. Que prepotência. Quem não gosta de uma boa mágica? Até mesmo o cara ao meu lado finalmente desviou o olhar do celular e agora ri com o ilusionista como se soubesse de algo que eu não sei. Não é difícil. A única coisa que sei é que agora eu o vejo *de verdade*.

— Não falei que era mágico? — Seus lábios se abrem num sorriso malévolo, como de quem tinha planejado toda aquela cena. Ele sabia que me surpreenderia.

Agora eu acredito que é de fato. Não tenho como desacreditar e ele sabe que agora estou bem atenta aos seus movimentos. Eu e todas as pessoas ao nosso redor, que agora também o veem. Quero perguntar o seu nome — *droga, por que não prestei atenção?* —, quero perguntar quando e onde posso vê-lo de novo, mas apenas consigo encarar seus olhos escuros e intensos me olhando de volta.

— Faz mais uma? — Em meio aos risos de entretenimento, uma moça do outro lado do vagão pede por mais.

— Claro! — assente ele, seu sorriso crescendo ainda mais. Ele guarda a garrafa de cerveja na mochila e tira uma pequena caixa de papel de dentro dela. Então a mágica continua com um truque de cartas. — Todo mágico precisa de uma bela assistente — ele diz, entregando-me a caixa de onde tirou o baralho. Sinto uma palpitação no peito, então sigo o olhar para a caixa que agora está em minhas mãos, tentando conter o calor em minhas bochechas. O que eu deveria fazer? — Escolha uma carta — continua, com os olhos atentos à moça do outro lado do vagão, enquanto embaralha as cartas em sua mão. Meus olhos vão de seu rosto para sua mão, de sua mão de volta para o seu rosto.

— Ás de copas — pede ela, depois de pensar um pouco. Ele apresenta seu baralho, passando as cartas uma por uma. Todas as cartas estão presentes e apenas uma delas está virada.

Ele puxa essa única carta e a vira no ar com um movimento dramático e

ensaiado. É a carta desejada. *Ás de copas*. Ás do coração vermelho. Nessa hora, eu sou só coração e ele é ás no que faz.

As palmas preenchem o vagão novamente e as conversas não param. Estão todos comentando, vejo alguns celulares direcionados para nós. Com seu sorriso lascivo, ele guarda o baralho e volta a me olhar. Agora nós nos vemos.

Aguardo por mais uma de suas mágicas, mas ele apenas pergunta sobre a trama do livro que ainda tenho em mãos, que está fechado há um tempo. Este é o momento de perguntar — quem se importa com o livro, quero saber o seu nome, alguma rede social, qualquer coisa que me permita encontrá-lo. Quando faço menção de perguntar, ele olha para trás e percebe em que estação estamos. Carrão. Levanta-se assustado. Olha para a porta, meio que sem saber o que fazer.

— Droga, não vai dar tempo. — Sua voz soa apreensiva. Provavelmente ele está pensando alto... Alto o suficiente para que eu escute. Ele pega minha mão para se despedir. — Ah, não, realmente não vai dar tempo. — Olha mais uma vez para a porta, olha para mim, suspira e vai, sem me dar chance de perguntar o que queria saber.

Desaparece na plataforma, a porta do vagão se fechando depois que ele vai embora. Agora não o vejo mais. Ainda que todos ao redor ainda estejam comentando sobre sua mágica, o que me intriga é o que quis dizer com *Não vai dar tempo*. Quando o trem começa a andar de novo, parte de mim torce para que ele apareça de novo — com seus olhos negros e seu sorriso malicioso —, mas a mágica não acontece. Ele a levou embora.

Quando o silêncio toma o vagão de novo e tudo volta ao anonimato, suspiro e apenas então percebo que também perdi minha estação. Agora vou precisar fazer o caminho de volta. Enquanto o metrô toma seu caminho para a Penha, abro meu livro direto na página amassada. Não consigo acreditar no que vejo. Ali, no meio das páginas, há uma carta de baralho. *Ás de copas*. Sorrio. Não sei o seu nome, não sei quem ele é. Agora eu não o vejo — e talvez jamais o veja novamente —, mas ainda tenho seu coração vermelho.

# Do Outro Lado, o Amor

**AUTORIA** MARIA GUIMARÃES

**EDIÇÃO** EQUIPE EDITORIAL

**REVISÃO** THAIS ROCHA



Maria Guimarães é piauiense e escreve umas coisas. Escreve sobre tudo que sente, vê e quer. Despretensiosamente, gosta de registrar versos curtos ou longos que passam pela mente. Assim, um dia pode revivê-los. Para ela, escrever é viver e lembrar.

Te vi do outro lado da rua, movimentada e iluminada. Você acenava. Olhei em volta, quase como um giro completo, procurando o destinatário daquele aceno agitado e feliz.

Estreitei os olhos. “Será que conheço ele? Minha memória tem me deixado na mão”. Mas não conhecia. Era a primeira vez que via olhos tão magnéticos. Brilhavam pra mim, repletos de uma felicidade genuína, como de quem encontra uma pessoa querida.

Certamente eu não era essa pessoa, mas desejei ser. Passei a querer que aquele engano se tornasse real, para que pudesse viver vidrada naqueles olhos pra sempre.

Me assustei quando te vi se aproximando com passos firmes pela faixa de pedestres, em meio a uma multidão. Continuei parada, do outro lado da rua, observando cada detalhe seu. Tracei linhas imaginárias no seu rosto, decorando cada curva cada vez mais próxima a mim, passo a passo. E outro passo. Até que você estava bem diante de mim.

Prendi a respiração. Sentia a sua, bem perto. Você só me olhou, como quem já me conhecesse e procurasse algo. Enquanto isso, eu tentei decifrar seus olhos. Tentei achar o fio que nos uniu, assim, de repente.

— Te procurei muito, sabia?

“Me procurou?” Não entendi. Foquei só na sua voz, que chegou aos meus ouvidos como melodia familiar.

Malditas lentes de contato!

Não enxerguei. Nem reconheci meu amor à primeira vista.



# Apoie a revista

Se você gostou do conteúdo e quer nos ajudar a caramelizar mais maçãs, você pode nos apoiar através do Catarse. A Revista Maçã do Amor conta com voluntários, que editarão e publicarão a revista independentemente do valor arrecadado. Ao apoiar, você ajuda a garantir que esse trabalho aconteça com a remuneração da equipe e futuramente dos artistas publicados. A Maçã do Amor é feita de brasileiros para brasileiros, focada na expressão de artistas nacionais. Financiar a Maçã do Amor é financiar a literatura e a arte visual nacional.

# Compartilhe uma maçã

Se você gostou do conteúdo mas não pode nos apoiar financeiramente, compartilhe esta revista com seus conhecidos. Ajude-nos a levar amor para todos os cantos.

# Participe

A Maçã do Amor é uma revista de participação aberta. Você pode enviar seus textos através dos editais para as redes sociais ou para a revista. Confira nosso site para maiores informações e seja você também uma Maçã do Amor.

 [revistamacadoamor.com](http://revistamacadoamor.com)

 [@leiamacadoamor](https://www.instagram.com/leiamacadoamor)  [@leiamacadoamor](https://twitter.com/leiamacadoamor)

# Créditos

## **Equipe editorial**

Ana Farias Ferrari  
Camila Paixão  
Luísa Scheid  
Tatiane Lucheis  
Thais Rocha

## **Equipe de design**

Rafael Lopes

## **Autoras selecionadas**

Luiza Nascimento  
Maria Guimarães  
Maria Inês Moll  
Mayane Humeniuk

## **Apoiadores**

Ariane Barreto Haagsma  
Bárbara de Lima Morais  
Elizabeth Fortunatti Albregard  
Érulos Ferrari Filho  
Igor Canko Minotto  
Nicole Alcântara Botelho  
Willian Miyasaka